

LOUIS BEGLEY

# Schmidt recua

*Tradução*

Rubens Figueiredo



Copyright © 2012 by Louis Begley, 2007 by Revocable Trust  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Schmidt Steps Back

*Capa*

Celso Koyama

*Foto de capa*

Quartet, Massachusetts, 1983. Copyright Joel Meyerowitz.  
Courtesy Howard Greenberg Gallery.

*Preparação*

Lígia Azevedo

*Revisão*

Jane Pessoa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Begley, Louis

Schmidt recua / Louis Begley ; tradução Rubens Figueiredo.

— 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: Schmidt Steps Back

ISBN 978-85-359-2380-3

1. Romance norte-americano I. Título.

---

13-13432

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# 1.

Véspera de Ano-Novo, oito horas da manhã. Faltam dezessete horas para o fim de mais um ano de merda, de uma década de merda. O que o próximo ano traria? Para a nação que — de forma inacreditável, milagrosa — superou a história e mandava Barack Obama para a Casa Branca, Schmidt esperava que o ano trouxesse redenção e purificação. Foi apanhado desprevenido pelas lágrimas que encheram seus olhos e enxugou-as com a manga da parca. Lágrimas doces de orgulho. Haveria alguém, pensou, fora da família de Obama, é claro, cuja afeição pelo homem fosse tão grande e tão pura quanto a de Schmidt? Ele se atrevia a pensar que não: seus sentimentos por aquele jovem extraordinário transcendiam a política partidária. Tinham pouco ou nada a ver, pensava ele, com o fato de ter apoiado os candidatos democratas nas eleições nacionais desde a segunda vez que Adlai Stevenson concorreu à presidência. Na primeira, ele era jovem demais para votar, mas em 1956, se dando conta de que Ike ia vencer, Schmidt votou contra por uma questão de princípio e também pela diversão que era irritar seu pai, que havia adotado

as convicções reacionárias dos clientes de seu armador grego, juntamente com seu gosto por sapatos e ternos feitos sob medida. Não, esse amor — por que não usar a palavra? — por Obama existia num plano completamente distinto, mesclando-se com o amor de Schmidt por seu país. Schmidt tinha outra razão, mais pessoal, para regozijar-se: a esperança de que a maldição que ele havia lançado contra si, treze anos antes — uma maldição composta por tudo o que havia de pior nele: ciúme e seu cognato, a inveja, o orgulho cego e a raiva ligeira e sem perdão —, fosse quebrada. Talvez tempos melhores estivessem por vir também para ele.

Pegou o *New York Times* no acesso para a garagem, na frente do jardim, voltou para casa e, antes de entrar, conferiu o termômetro na varanda. Gélidos três graus negativos. Com sorte, no final da manhã, estaria sensivelmente mais quente, uma coisa boa, pois queria que a adaptação de Alice aos caprichos do clima da Costa Leste fosse gradual. Quatro dias antes, a temperatura tinha subido a espantosos catorze graus, um recorde, pelo que Schmidt lera no *Times*. O dia de Natal tinha sido mais frio, mas ainda assim com doze graus ridiculamente balsâmicos. Segundo a previsão do tempo do *Times*, o pêndulo ia oscilar para baixo no primeiro dia de 2009: mínima de doze graus negativos, máxima de três graus negativos. Schmidt deixou o jornal na mesa da cozinha e saiu de novo para sua inspeção ritual da propriedade pela manhã. Sonia ia chegar dali a alguns minutos para servir seu café da manhã na mesa. Era uma tarefa desnecessária — era perfeitamente capaz de preparar o próprio café da manhã —, mas havia tão pouco trabalho para fazer em casa na ocasião que, firmemente convicto de que nada desmoraliza os empregados tão depressa quanto o ócio, sentia-se pressionado a encontrar coisas para ela fazer. A neve pesada — mais de doze centímetros — amontoada em Bridgehampton num intervalo de poucas horas

na semana anterior ao Natal tinha derretido no tempo quente, dando vida nova para a grama. Ela cintilava verdejante como no início de junho. Tudo o mais também tinha bom aspecto, sobretudo as azaleias e os rododendros no fundo do gramado do quintal. Por alguma razão, o cervo destruidor havia poupado as flores, mesmo sem a costumeira rede protetora de náilon preto que ele dissera para Gus Parrish não usar. Quando o jardineiro, surpreso, perguntou por que razão, Schmidt se viu admitindo a verdade embaraçosa: a rede dava às moitas o aspecto de feras pré-históricas prontas para atacar a casa. A imagem o deixava inquieto. Foi a vez de Schmidt ficar surpreso, quando Gus acatou seu desejo sem o menor sinal de achar que seu cliente estava maluco. Tal discrição foi motivo, mais uma vez, para Schmidt se parabenizar por haver contratado os serviços de Gus quando o sobrinho de Jim Bogard finalmente seguiu o exemplo do tio e se aposentou. No total, os Bogard tinham tomado conta da propriedade desde antes de Schmidt se tornar seu dono, quando ela ainda pertencia a Martha, tia de Mary, e ele e Mary, sua falecida esposa, e a filha deles, Charlotte, iam lá para passar fins de semana e férias, como hóspedes e parentes mais próximos de Martha. A confiança é recompensada com mais frequência do que a desconfiança. Ele disse para Gus que tinha um motivo especial para querer que o lugar ficasse um brinco na véspera do Ano-Novo e Gus tinha dado conta do recado. Na verdade, a experiência de Schmidt com Gus o levara a crer que, em matéria de confiabilidade e esmero, aquilo que no antigo escritório de advocacia de Schmidt era curiosamente chamado de “trabalho completo”, o pessoal do Gus era para os outros jardineiros nos Hamptons o mesmo que Wood & King tinham sido para categorias inferiores de advogados de Nova York que tratavam de causas de lesão corporal em escritórios situados perto da prefeitura ou das estações de metrô de Borough Hall e, a partir do momento em que as res-

trições quanto à publicidade foram suspensas, alardeavam seus serviços em anúncios em língua espanhola nos vagões do metrô. As contas absurdas de Gus eram parte integrante do trato, e elas também faziam lembrar a firma W & K Associados. O nome de todas as colombianas simpáticas que prodigalizavam cuidados no gramado de Schmidt, podavam os canteiros de flores e sopravam as folhas caídas com o rugido infernal de um compressor de ar que deixava em pânico Sy, o velho gato siamês de Schmidt, e seu novo filhote abissínio Pi, era seguido por sua nota de cobrança, uma descrição dos serviços executados e do tempo gasto no trabalho. As horas, Schmidt tinha certeza, eram discretamente infladas, uma prática tradicional e veneranda também pela W & K. Telefonema para o sr. Schmidt, tantos décimos de hora, revisar uma minuta segundo as observações do cliente, duas horas e sete décimos de hora, pesquisar os pontos X, Y e Z da petição do sr. Schmidt a fim de respaldar a minuta, onze horas e um décimo. Francamente, se perguntaria o sr. Schmidt, onze horas e um décimo num só dia? Fosse a fatura da W & K ou de Gus, as anotações das horas passíveis de cobrança seriam seguidas de uma lista de gastos sujeitos a reembolso. Ligações telefônicas, correio, portadores, cópias, refeições noturnas e corridas de táxi do escritório para casa se transformaram, na justificação das contas de Gus, em tantos sacos de oito tipos de fertilizante e de extermínadores de insetos e de ervas daninhas e, quando as falantes senhoras colombianas, que plantavam e capinavam, se juntaram à equipe, também em bulbos, mudas e terra para vasos.

Ele ouviu o carro de Sonia no acesso para a garagem, um Mercedes branco, e nada menos do que um modelo bastante recente, cuja proveniência o deixava intrigado desde o verão, quando pela primeira vez ela apareceu com o carro. Será que pertencia a um namorado? Será que ela o havia ganhado numa rifa da igreja ou comprado com suas economias? Neste último

caso, ele estava pagando demais para ela. Mas como Schmidt poderia obter a resposta se insistia em não fazer a pergunta? Hora do café da manhã. Cumprimentou Sonia e sentou-se. O café estava quentíssimo e forte, o iogurte não estava de todo mau, as uvas, excelentes. Faltavam os croissants e os bolinhos de aveia que ele comprava toda manhã no Sesame, o maravilhoso mercado onde também comprava galinha, queijo e ravióli *in brodo*. As lembranças daqueles doces de massa, banidos de sua mesa de café da manhã pela dra. Tang, a senhora sino-americana que tomou o lugar de seu velho amigo e médico da família, David Kendall, após a aposentadoria, encheu sua boca de água. E fez também Schmidt se perguntar se ainda conhecia alguém que não tivesse se aposentado. Sim, é claro: Gil Blackman, seu colega de dormitório na faculdade e seu melhor amigo, que ainda fazia filmes; Mike Mansour, tão ocupado quanto sempre estivera com seus bilhões; e a esplêndida Caroline Canning e seu horrível marido, Joe, escrevendo o tempo todo.

Trabalho inútil, pensou Schmidt, a atenção da dra. Tang com sua dieta. À sua maneira, também era trabalho inútil as providências de Gus e de seus predecessores, que continuaram a trabalhar em conformidade com as ordens de Schmidt, ano após ano, desde que tia Martha tinha morrido e deixado a casa para Mary. Há quantos anos? Deu de ombros: quase quarenta. Por quanto tempo eles ainda iam prosseguir? O palpite de Schmidt era não mais de dez anos. Havia perguntado à dra. Tang se ela era capaz de prever o modo como a morte chegaria para ele. A senhora não vai me assustar, disse, todos têm um encontro marcado em Samarra e eu sou dono de um jazigo perpétuo num cemitério com vista para a baía Peconic, de que gosto muito. Em resposta, ela riu com alegria e lhe disse que, com um paciente num estado de saúde tão bom, era impossível prever. A tradução simultânea de Schmidt foi Não faça perguntas creti-

nas, deixe isso por conta da morte, ela vai dar um jeito. Ainda que educadamente, limitou-se a rir em resposta. Na verdade, ele tinha seus próprios palpites: ataque do coração ou câncer, doenças diabólicas que nem sempre optam por matar rapidamente. Porém, qualquer que fosse o método, ninguém, absolutamente ninguém, seria capaz de obrigá-lo a internar-se numa clínica de repouso. Se tivesse a mente sã e ainda não estivesse paralisado, encontraria seu próprio jeito de sair de cena. De outro modo, as instruções deixadas com Gil, nomeando-o único árbitro da vida e da morte de Schmidt, dariam conta do recado, com um pequeno empurrão de Gil, se fosse necessário. Não era nem mais nem menos do que aquilo que ele mesmo faria por Gil, que tinha tomado suas próprias providências, conferindo a Schmidt o poder de decisão. A demência, a doença com maior probabilidade de cortar todas as rotas de fuga, inspirava mais terror do que qualquer outra. Porém Schmidt jamais ouvira falar de nenhum antepassado, em três gerações, que tivesse sofrido daquele mal. O outro lado da moeda, o lado agradável, era sua boa saúde geral. Depois que pegava um embalo de manhã, ainda se mostrava bastante ágil. Na verdade, duvidava que houvesse tanta diferença entre seu estado atual e o de treze anos antes, quando visitou Alice pela primeira vez, em Paris, para tomar um exemplo que o preocupava no momento. A menos que alguém quisesse se deter nas rugas marcadas que corriam nos cantos da boca e tinham apenas se tornado mais fundas, ou nas faces mais cavadas, ou nas pregas de pele que pendiam de seu pescoço. No conjunto, aquilo lhe dava uma expressão tão lúgubre que o esforço para sorrir lhe emprestava o aspecto de uma gárgula. A situação era menos formidável no que dizia respeito à sua libido e ao desempenho sexual. A nota que ele mesmo se dera quando posto à prova pela última vez fora a nota mínima para passar de ano, mas, como dissera para Alice, ainda não havia experimentado nenhuma das

pílulas milagrosas que o patrono dos idosos, Bob Dole, alardeia na televisão. Além do mais, a prova em questão tinha sido injusta: a senhora a quem ele pode ter decepcionado não chegava nem aos pés da incomparável Alice. Será que sua idade e as pilhagens do tempo tornavam repreensível a decisão de continuar pagando caro demais para a máfia de jardineiros, carpinteiros, encanadores e quebra-galhos de Hampton, pelo prazer de ter tudo em sua casa como manda o figurino? Ou pagar as ultrajantes taxas imobiliárias municipais que financiavam os serviços públicos do município, rigorosamente descritos no carnê de cobrança como que para ridicularizá-lo, provando que ele em nada se beneficiava pessoalmente de tais serviços? Diabos, havia uma porção de homens incapazes de ter uma ereção e uma porção de mulheres que fingiam orgasmos, até o bendito momento em que pudessem finalmente declarar que, em sua idade, já haviam aberto mão daquilo tudo, morando confortavelmente em casas muito mais luxuosas do que a dele. Gastando mais dinheiro do que ele! Por que ele não podia fazer o mesmo? Precisava morar em algum lugar e aquele era o lugar de que mais gostava. Quem é que havia ali para reclamar? Era seu dinheiro, podia gastar ou jogar fora. Não tinha mais nenhum herdeiro legal e sua herança seria coberta com folga por sua propriedade rural, que valia muitas vezes mais, deixando uma bela quantia para Harvard. A menos que ele decidisse deixar o grosso daquele dinheiro para Alice, caso em que Harvard, ainda assim, receberia uma doação elegante, embora não mais extravagante. Alice! Alice estaria em Bridgehampton dali a quatro horas! Em sua casa. Ela ia dormir sob seu teto. Será que ele preferiria recebê-la em outro local? Por exemplo, em algum sítio aconchegante em Sag Harbor, com assoalhos empenados e um aroma permanente de bolor? A resposta era um alto e claro não: que se danem os custos!

Ele disse para Sonia que ia sair para dar uma volta, e não,

ela não precisava ficar para ajudar com o almoço, nem para lavar a louça depois, e se sua convidada, a sra. Alice Verplanck, ligasse enquanto ele estivesse fora, Sonia devia dizer que Schmidt voltaria para casa em uma hora e telefonaria para ela. Na verdade, ele não acreditava que o celular de Alice fosse funcionar nos Estados Unidos, mas era possível que usasse o celular do motorista. Exultante e ansioso, tirou a caminhonete Audi da garagem, a sucessora do Volvo que ele vendera, com remorsos, com duzentos e vinte e cinco mil quilômetros rodados, e dirigiu primeiro até Wainscott, para comprar uma sopa de peixe com legumes, depois voltou no sentido oeste pela estrada 27, para Sesame, para comprar pão, queijo e ravióli *in brodo*, que seriam o almoço deles no dia do Ano-Novo, bem como os croissants que seriam o café da manhã de Alice, e por fim voltou para Bridgehampton, onde o florista havia preparado os pequenos buquês que ele havia encomendado para enfeitar a mesa da cozinha e o quarto dela. Isso cobriria suas necessidades daquele dia de Ano-Novo, quando apenas as lojas de conveniências estariam abertas nos Hamptons. Restaurantes também estariam fechados, mas Schmidt não precisava se preocupar com jantares. Eles iriam à festa da véspera de Ano-Novo de Mike Mansour, e Gil e Elaine Blackman o haviam convidado para jantar no dia seguinte, um gesto calculado que deixara Schmidt infantilmente agradecido.

Alice tinha telefonado na sexta-feira, um dia depois do Natal, e dito que ia pegar o avião em Paris no Ano-Novo, com destino ao aeroporto Kennedy, onde devia pousar às dez e meia da manhã. Ela teria de acordar antes de o sol raiar, mas preferia isso ao trânsito a caminho do aeroporto e à multidão que teria de enfrentar, caso tivesse um voo mais tarde. Ela não quis nem ouvir a ideia de Schmidt ir pegá-la no aeroporto JFK; na verdade, proibiu isso de forma categórica. Mas aceitou sua sugestão de mandar um carro trazê-la para Bridgehampton. Depois que desligaram

o telefone, Schmidt saiu para a varanda dos fundos e ficou imóvel, deixando assentar no pensamento aquilo que Alice dissera. Ela de fato estava vindo! Schmidt dissera para si mesmo, muitas e muitas vezes, que ela era séria demais para mudar de ideia e afirmar que, afinal, tinha decidido que não queriavê-lo. Todavia, ouvir Alice dizer de fato Eu vou pegar tal avião em tal horário e vou chegar ao aeroporto de Nova York em tal hora, e você pode mandar alguém me buscar e me levar para a sua casa, isso teve nele o efeito de um milagre. Schmidt chegou a pensar, por um momento, em mandar Bryan, seu misto de quebra-galhos e cuidador da casa e da gata, que conhecia todas as estradas vicinais e caminhos alternativos, mas no final concluiu que a conversa daquele loquaz excêntrico e traficante de drogas aposentado era mais do que se podia esperar que Alice suportasse depois de oito horas num avião. Um irlandês mirrado transportava Schmidt de casa para o aeroporto e do aeroporto para casa quando Bryan estava ocupado ou quando Schmidt dava um jeito de dispensá-lo sem ofendê-lo. E portanto foi o irlandês que foi instruído a estar bem cedo no setor de desembarque, logo depois da alfândega, muito antes do horário previsto para a aterrissagem, e a erguer bem alto e bem visível o cartaz com o nome de Alice.

Olhou para o relógio de pulso. Onze e meia. Ela devia estar na Via Expressa de Long Island. Como tinha verificado no site da Air France, sabia que o avião pousara quinze minutos antes do horário. Naquela hora da manhã, as filas na imigração não deviam estar muito longas, mesmo na véspera de um feriado. Portanto, a menos que houvesse algum empecilho na retirada da bagagem, ela devia ter pegado o carro às onze e quinze e chegado à sua casa entre uma e meia e duas horas. Era uma estimativa conservadora. Levava em conta tanto a possibilidade de o trânsito estar ruim quanto a tendência de Murphy de obedecer aos limites de velocidade, pelo que ninguém podia de fato censurá-lo.

Numa regressão momentânea a seus tempos de bebedor contumaz, Schmidt serviu-se de uma dose dupla de bourbon, acrescida de um cubo de gelo, e sentou-se na cadeira de balanço. A mesa da cozinha estava posta com a porcelana boa e a prataria. O buquê vermelho era um toque bonito. Na verdade, não havia nada do que se envergonhar em seus preparativos domésticos. Podia balançar-se em sua cadeira e bebericar seu uísque em paz. À uma hora, o telefone tocou. Era Murphy comunicando que estavam se aproximando de Water Mill. O homem era mais esperto do que parecia! O trânsito estava bom. Portanto iam chegar em quinze minutos. Seu sexto sentido o avisou quando o carro se aproximou da entrada da garagem. Sorveu o resto da bebida e correu para a varanda. Alguém ensinara Murphy a ser respeitoso com as pedrinhas britadas na entrada da garagem de seus clientes. O carro avançou rastejante na direção da casa. Afinal, parou. Schmidt abriu a porta. A mão que apertou a sua estava envolta numa luva comprida de camurça vermelho-escura, que ele reconheceu. Alice tinha usado o mesmo par de luvas quando os dois jantaram no restaurante na Rue de Bourgogne, no dia 14 de outubro, dois meses e meio antes.

A primeira visão que Schmidt teve de Alice foi no casamento dela com Tim Verplanck, um jovem sócio na W & K que se tornara seu protegido. O casamento foi numa igreja em Washington, pois o pai de Alice era o embaixador francês nos Estados Unidos. Naquela tarde, Schmidt dançou com a noiva na recepção da embaixada. Alice usava frésias brancas nos cachos dos cabelos, que tinham cor de ouro velho, e usava um véu de renda marfim ondulado, que Mary disse que devia ter pertencido à avó dela. No correr dos meses e dos anos, houve jantares — Mary teria lembrado quantos foram, era o tipo de coisa

que ela controlava bem — no apartamento dos Schmidt nos quais, segundo um costume da firma W & K, entretinham os parceiros que trabalhavam para ele, com suas esposas ou noivas; tinha havido também o jantar e o baile anual da firma para todos os advogados e esposas e, depois que Tim foi incorporado à firma, jantares muito menores para os sócios e suas esposas. Todas as vezes, Schmidt ficara assombrado, realmente perplexo, com a beleza de Alice, sua elegância, seu porte tão perfeitamente ereto, sua cabeça sempre erguida e alta, a densa massa de seu cabelo torcida num coque ou presa por um grampo sobre a nuca. Alice tinha as imperturbáveis boas maneiras de uma filha de diplomata. Suas pernas vertiginosamente compridas e perfeitas ocupavam um lugar de destaque na memória de Schmidt. Uma chance de inspecioná-las fora oferecida a toda a firma num dia em que ela foi ao escritório usando uma minissaia vermelha, cor de caminhão do corpo de bombeiros, e meias de malha pretas, enquanto nenhuma esposa do escritório trajava nada remotamente tão chamativo. Mas Schmidt podia jurar que não a havia cobiado naquele momento nem em nenhum outro enquanto Tim estava vivo, pois relações no âmbito do escritório, e ainda mais relações adúlteras, eram um tabu para ele e, acreditava Schmidt, para todos os outros homens decentes de sua classe e de sua geração. Havia outra razão, inevitável: enquanto Mary estava viva, todas as mulheres que o haviam excitado tinham algo de vulgar. Eram mulheres que ele havia conhecido em bares de hotel, uma estudante de direito com quem havia fumado maconha, de forma imperdoável, durante uma viagem de recrutamento à Costa Oeste. A única exceção seria a jovem babá meio asiática que havia cuidado de Charlotte. Aquela garota tímida e educada tinha se oferecido a ele de modo tão inocente, e no entanto com uma premência tão explícita, que a prudência e os princípios foram jogados pela janela. Mas mesmo que ele se permitisse ficar

excitado com Alice, não se atreveria a pensar nela como alguém capaz de admitir copular à tarde no sofá de sua sala de estar ou num hotel turístico no centro da cidade. Era o tipo de proposta que ele teria rechaçado com desdém. Alice estava apaixonada por Tim, aquilo era óbvio, e mesmo que algo tivesse desandado um pouco entre os dois, do que não havia nenhuma razão para desconfiar, ela era esplêndida demais, orgulhosa demais — se Alice fosse um homem, ele poderia dizer *un chevalier sans peur et sans reproche* — para ter um caso ordinário com Schmidt ou com qualquer outro sócio casado de seu marido. Então ela desapareceu do horizonte de Schmidt. De fato, a família inteira sumiu de vista quando Tim assumiu a direção do escritório da firma em Paris e Alice e os filhos, naturalmente, foram com ele. Raramente Tim aparecia no escritório de Nova York, com uma frequência muito menor do que seus antecessores, que eram todos rigorosos quanto a manter contato e compareciam regularmente às reuniões da firma em Nova York, onde caminhavam devagar pelo corredor, atentos a portas abertas, que eram um modo de os sócios indicarem que uma visita não seria inopportuna. Era uma forma útil de continuar em contato com a firma e ter certeza de que nada capaz de afetar o escritório de Paris estava sendo tramado.

Então aconteceu que, quando visitou Alice em Paris, em 1995, para prestar condolências pessoalmente, depois da morte chocante e de tudo inesperada de Tim, já fazia treze anos, ou mais, provavelmente, que Schmidt não a via. Pareceu-lhe que ela estava ainda mais linda: seu aspecto era mais feminino, mais nobre e menos arrogante. A menina havia crescido. De forma assombrosa — em subsequentes momentos de amargura, pensaria ele, de forma absurda —, apaixonou-se no ato, sem que seus lábios sequer tocassem os dela, sem um único abraço. Chamem isso de um ataque tardio de amor adolescente; ele acreditava que

teria acontecido a mesma coisa ainda que estivesse de olhos vendados, se apenas a ouvisse rir de novo. E agora, após o hiato de mais treze anos desde o encontro de abril, pareceu-lhe que seu amor estava intacto. Se houvesse alguma reserva de felicidade guardada para ele, teria de ser num futuro compartilhado com Alice.

Ela trouxe pouca bagagem, como uma jovem, apenas uma pequena mala decorada com adesivos vermelhos, a fim de torná-la facilmente identificável nas esteiras de bagagem do aeroporto, e uma bolsa em forma de salsicha cujo zíper ela nem se dera ao trabalho de fechar, de modo que se podia ver pela abertura uma boa quantidade de revistas e jornais franceses e o que pareciam ser manuscritos. Schmidt levou as coisas dela para cima e mostrou-lhe o quarto onde ia ficar. Tinha sido o quarto de Charlotte: ensolarado, com as janelas em arco voltadas para o gramado dos fundos e para o jardim e, para além dos limites da propriedade, o grande lago salgado cuja população de gansos selvagens não migrava mais. Alice exclamou admirada com a paisagem e disse que precisava fazer um tour completo pela casa e pelo jardim. Mas primeiro gostaria de almoçar, tomar banho e tirar um cochilo demorado. Depois do almoço, porém, ela mudou de ideia e disse que era melhor darem uma volta, antes que escurecesse. Quando terminaram e estavam parados na porta do quarto dela, Schmidt falou: Você gosta deste lugar. Talvez gostasse de morar aqui.

Ela não respondeu, mas continuou imóvel. Achando que ele havia adivinhado o que ela queria, pôs os braços em volta de Alice. A boca dela tinha o sabor do almoço; seu cabelo e suas roupas tinham um suave cheiro de suor e de outros odores que contavam a história das horas passadas em aeroportos e no avião.

A intimidade imediata deixou-o excitado, como um doce roubado. Schmidt prolongou o beijo, mas na hora em que ele sentiu uma ereção, ela se afastou.

Está na hora do banho, disse ela, muito serena. Onde você vai estar?

Bem aqui, disse ele, apontando para seu quarto, do outro lado do corredor. Vou fingir que estou lendo e ouvindo música.

Posso ir vê-lo?

Schmidt aumentou um pouco o termostato da calefação do primeiro andar e acomodou-se na poltrona vermelha em seu quarto. Em geral, mantinha a casa em temperatura baixa — alguns diriam fria, francamente —, mas Alice ainda não estava habituada ao frio de uma casa de praia feita de madeira, sacudida pelas rajadas de vento do Atlântico Norte. Ou a dividi-la com um sujeito velho, a vida inteira acostumado a economizar o combustível para a calefação. Na mesinha de cabeceira, estava um romance desesperadoramente triste, escrito por um judeu russo, passado na época da Batalha de Stalingrado, além de uma pilha de exemplares não lidos da *New Yorker* e da *New York Review of Books* que vinham se acumulando desde o dia seguinte à eleição, quando ele saíra para uma ronda de inspeção em Centros de Vida na Europa Central e Oriental e em alguns Estados da antiga União Soviética operados pela fundação de Mike Mansour, da qual Schmidt ainda era o chefe. Ele estava achando o romance tão forte que teve de conter o ritmo a fim de assimilar seus horrores; parecia que ainda não estava pronto para mais uma cena de degradação humana naquele momento. Será que os distintos e afáveis ucranianos que o receberam no Centro de Vida de Kiev estavam a par daquele relato de horrores — horrores que deviam ter abarcado seus avós, ou mesmo seus pais?

Antes de ir dormir na noite anterior, ele havia baixado o livro na hora em que um velho bolchevique, um comissário de escalão superior, estava sendo preso por razões que não compreendia. Um comissário muito mais jovem o esbofeteava repetidas vezes, para quebrar a resistência do prisioneiro. Por hora, o máximo que Schmidt conseguia suportar era ouvir, enquanto a mente divagava, a estação de música clássica de Connecticut na qual o rádio estava sempre sintonizado. Alice o atraía de modo poderoso, é verdade, porém o que Schmidt sentia por ela ia muito além de atração sexual. Era amor, embora amor de um homem velho. Queria mantê-la a seu lado. Oferecera o casamento, o que ele desejava fervorosamente, com base na crença, que ele sabia ser contestada pela experiência, de que o casamento comportava uma promessa de estabilidade. Mas Schmidt lhe dissera que estava preparado para uma vida a dois em qualquer parte, em quaisquer condições que ela quisesse. E a oferta de si mesmo era feita com uma cláusula de satisfação garantida e com base num período de experiência e garantias de que ia tirar seu time de campo discretamente caso Alice achasse que ele era insatisfatório. Seria justo, seria razoável propor casamento ou qualquer outra forma de coabitacão com um homem que tinha acabado de completar setenta e oito anos, para uma mulher que tinha sessenta e três? A única resposta honesta era que não, mas ele não queria aceitar um não como resposta e pensava sinceramente que os argumentos contra sua petição eram superestimados. Schmidt havia posto os riscos inteiramente às claras, riscos que, de resto, eram óbvios, chegando ao ponto de dizer que, caso fosse seu pai ou irmão, recomendaria a ela que não corresse tais riscos. Mas a decisão cabia a ela. Quanto à consciência de sua própria posição, embora o casamento fosse aquilo que desejava com ardor, Schmidt conhecia perfeitamente as punições por entrar num casamento que dava errado. No pior dos casos, vivemos

com um companheiro de cela que lentamente se transforma em nosso inimigo e, no geral, com uma pessoa mais ou menos irritante. Isso sem falar da intimidade física que a coabitação tornava difícil evitar. Muito ruim para a mulher, que se sente obrigada a submeter-se às apalpações de um sujeito velho e nada atraente — Schmidt não excluía a si mesmo daquela tese de que todos os homens velhos são intrinsecamente pouco atraentes —, e pior ainda para o homem, convocado a tomar a iniciativa e levar a cabo, repetidas vezes, o milagre da penetração. Uma voz recordava Schmidt de que as leis do divórcio haviam tratado daqueles problemas. Era possível admitir de antemão que o marido infeliz ou a esposa infeliz poderiam dar no pé. Talvez suas perguntas só pudessem ser respondidas de forma definitiva depois do fato consumado; era um caso de agir por sua própria conta e risco.

Schmidt terminou abruptamente essas ruminações. Ela estava linda, cheirosa e mais desejável do que qualquer mulher que ele havia conhecido, com a única exceção de Carrie, a própria Hécate, que lhe viera na forma de uma garçonete porto-riquenha de vinte anos de idade. Durante dois anos indelevelmente marcados em todos os nervos de seu corpo, ela fora sua amante. O idílio terminara exatamente da forma como era de esperar. Ela encontrou um gigante louro e delicado como um cordeiro e foi para ele com as bênçãos de Schmidt, levando um filho cuja paternidade era incerta. Quanto a Alice: podia não ser uma criatura mágica da noite, mas era bem o seu tipo! Quem se atreveria a dizer que o resultado não compensava? A covardia, ele sabia muito bem, comportava suas próprias punições: solidão amarga e desespero. Preocupações quanto a ser desleal com Alice eram mero palavrório. Ela era uma garota crescida. Pouco antes, ela havia perguntado se podia irvê-lo em seu quarto depois do banho. Dificilmente se poderia chamar aquilo de um gesto ambíguo.

No café da manhã, Schmidt tinha apenas passado os olhos pelas páginas do *Times*. Agora ele foi buscar o jornal na cozinha e descobriu a única notícia mais ou menos decente: Al Franken continuava na frente do deplorável Norm Coleman na recontagem de Minnesota, mas apenas por cinquenta votos. Recontagem! Schmidt gostaria de nunca mais ouvir a palavra, depois daquele interlúdio de safanões que se estendeu até a Suprema Corte e que pôs W na Casa Branca. A não ser por isso, só contos de horror e perplexidade. Um dia antes, o Hamas tinha disparado um foguete de Gaza que foi atingir um alvo no território israelense, a trinta quilômetros da fronteira, matando a mãe de quatro filhos. Segundo a ONU, os ataques israelenses naquela desafortunada faixa de terra já haviam matado trezentos e setenta palestinos, dos quais sessenta e dois eram mulheres e crianças. O que aqueles números provavam, senão a futilidade de matar grandes quantidades de palestinos? Aquilo não havia nem de longe enfraquecido sua disposição de lutar. Por outro lado, o Hamas tentava poupar mulheres e crianças israelenses? Essa questão não era tratada pelo *Times*. Será que o Hamas e o Hezbollah aceitariam qualquer outra coisa que não empurrar Israel para o mar? Provavelmente não, mas se eles empurrassem com força o bastante, os israelenses lançariam a bomba atômica. Onde exatamente iam jogá-la era uma boa pergunta, e ele estava disposto a apostar que nem Mike Mansour tinha uma resposta. E se os iranianos também conseguissem a bomba, seguramente iam jogá-la em Tel Aviv, em retaliação, uma catástrofe para os judeus, na mesma escala de Auschwitz, ao passo que os israelenses iam jogar uma bomba nuclear em Teerã e na ilha Kharg, fato que provocaria uma reação em cadeia de caos para todos os países que dependem de petróleo iraniano. Será que alguém — russos, paquistaneses ou chineses, ou até coreanos do norte — viria em socorro de seus amigos iranianos

e árabes? E fariam o quê? Nesse ponto, Schmidt desistia. Ele não sabia e também não era um colunista do *Times* de quem exigiam que fingisse saber. Com um pouco de sorte, ele estaria morto antes que a resposta fosse revelada. Outra matéria tocava num ponto mais afim à sua antiga especialidade. A Comissão de Títulos e Câmbio fincava pé na defesa da contabilidade da marcação a mercado, ou precificação de títulos, a qual requeria que as instituições financeiras registrassem diariamente em seus balancetes os ativos e a quantia, qualquer que fosse, que um comprador estava disposto a pagar naquele dia. Schmidt acreditava tenazmente que, se a regra fosse suspensa ou abolida, os bancos roubariam o público à vontade. Qualquer pessoa que já tivesse lidado com aquela gente não poderia chegar a outra conclusão. Havia, no entanto, um contra-argumento razoável, que o jornalista não havia mencionado. Sustentava que um ativo não era necessariamente sem valor só porque não havia nenhum tomador para ele em determinado momento. Deveria tal ativo, então, ser registrado como de valor zero no balancete do banco? Era o mesmo que dizer que sua casa numa rua sombreada em Scarsdale, pela qual você pagou dois milhões de dólares três anos antes, de repente passou a valer zero, só porque o Dow Jones caiu e, por ora, nenhum comprador podia ser encontrado. Mais uma charada de dar dor de cabeça. Talvez Mike Mansour tivesse a resposta correta. Quando Alice e ele encontrassem Mike no jantar naquela noite, Schmidt poderia lhe perguntar. O grande homem de finanças nunca se mostrava carente de convicções, ou tímido quanto a declará-las. Podiam até zombar do estilo dono-da-verdade de Mike, mas, quando ele opinava sobre questões financeiras, era melhor prestar atenção. Schmidt aprendera essa lição em outubro de 2007, quando Mike lhe disse para vender ações e comprar ouro e títulos do tesouro.

Será que tinha cochilado? Havia quanto tempo que estava em seu quarto? Tornou-se consciente da presença dela só quando falou: Toque, toque! É a senhora que veio de Paris. Tão silenciosa quando se movia, tão semelhante a seus gatos, e à sua saudosa Carrie, Alice estava parada na sua frente, rindo, descalça, as unhas dos pés pintadas de vermelho, o que ele achou de uma delicadeza de cortar o coração, vestida num agasalho esportivo bege que, Schmidt se deu conta quando a abraçou, era feito de uma casimira tão macia que lhe dava a sensação de estar tocando o corpo nu de Alice. Tentou beijá-la, mas ela virou a cabeça e disse: Schmidtie, vim aqui para conversar sobre um assunto sério. (Era o nome que ela havia descoberto que seus amigos usavam para chamá-lo; Schmidt não gostava de seu nome de batismo, Albert, e de seus diminutivos detestáveis.)

Claro, Alice, disse ele, podemos ter uma conversa séria, mas você permite que eu faça uma declaração inicial?

Ela fez que sim com a cabeça.

É muito simples: amo você. Recordei tudo o que disse a você quando a vi em outubro, falei a sério na ocasião, e estou falando sério agora também. Por favor, me dê uma segunda chance e more comigo, casados ou em pecado, aqui nesta casa ou em Nova York ou em Paris — ou em qualquer lugar, contanto que estejamos juntos e eu lhe dê plena satisfação.

Ele não tinha certeza da reação que esperava, mas ficou aliviado ao ver que Alice sorria. Schmidtie, isso foi a declaração inicial ou a conclusão? Como os advogados chamam isso? Petição de indulto?

Um pouco das duas coisas, respondeu ele, mas, por favor, lembre que não engavetei minha causa.

Então vá em frente, engavete de uma vez, Schmidtie. Ela deu uma risadinha. Não me faça esperar.

Ele deu um passo comprido na direção da poltrona onde

ela estava. Caindo de joelhos, abraçou as pernas de Alice e apertou o rosto contra elas.

Espere, espere, sussurrou Alice, eu também tenho algo a dizer. Eu não teria vindo aqui se não gostasse de você, se eu não quisesse ficar com você. Mas se passaram treze anos. Na nossa idade, isso é uma vida inteira. Lembra que você me disse que eu não devia me prender a um homem velho? Agora você está ainda mais velho. Mas não tenho medo disso, Schmidt. Estou mais preocupada com o que você vai pensar de mim. Agora também estou velha, com o corpo de uma mulher velha.

A noção que Schmidt tinha daquilo que a ocasião exigia dele obrigou-o a protestar. Disse que ela não havia mudado, que continuava a ser a majestosa beldade loura pela qual havia se apaixonado, que ela nunca estivera mais desejável. O mais incrível, se deu conta, era que estava falando a verdade.

Silêncio, Schmidt, disse ela. Sei que você é um cavalheiro. Mas será preciso ser também um tolo? Por acaso já imaginou o que vai encontrar quando eu tirar minha roupa?

Pegou a mão dele e levou-a por baixo da blusa, apertou-a contra o peito. Sente como mudou? Está flácido. Meu corpo inteiro está diferente. Mole e caído.

Ele renovou seu protesto, mas ela disse: Silêncio! Esta tarde, não vai ter problema, porque vai ter uma sensação de novidade, como fazer isso pela primeira vez. Mas e de noite, e amanhã? Você é tão educado que provavelmente vai tentar fazer amor comigo todos os dias enquanto eu estiver aqui. Mas vai dar a sensação de estar cumprindo uma tarefa, não porque você não me ame ou não queira me dar prazer, mas porque somos velhos. O que você vai fazer? Tomar aquelas pílulas? Às escondidas, é claro. Você é um sujeito muito digno.

Ah, Alice, Schmidt sussurrou. Chega de falar.

Mas eu lhe disse que temos de conversar. Como podemos

simplesmente esquecer aquela festa horrível em Water Mill? E depois você me fez ir a Londres. Para quê? Para brigar comigo e me humilhar. Para ter certeza de que eu sabia que você estava furioso? E aquele sexo horroroso e sem amor que se seguiu? Mais pareceu um estupro. E depois todos aqueles anos de silêncio, até que você reapareceu do nada. Por quê? Porque imaginou que eu estava disponível. Não é isso?

Alice, nós dois sabemos o que aconteceu treze anos atrás. Fui um tolo. Um idiota. Admiti isso, implorei seu perdão.

E eu lhe respondi que não estou aborrecida, não estou mais. Aceito minha parcela de culpa. Mas vamos ter certeza de que desta vez não daremos um passo em falso. Eu não conseguaria suportar.

Ela não fizera nada para retirar a mão de Schmidt do seu seio e ele a mantivera ali, com uma carícia, ampliando-a para o outro seio. Tratamento igual. Ela começou a gemer.

Espere, espere, disse ela. Escute. Por favor, chega de falar sobre o futuro. Não agora. Não me faça pensar que você é um tolo. Deixe que eu peça você em casamento. Quando eu achar que estamos prontos.

Prometo, respondeu ele. Prometo.